

Vinho novo em odres velhos: sociedade de massa, espetacularização e novas tecnologias em *Black Mirror*

*New wine in old wineskins:
mass society, spectacularization and new
technologies in Black Mirror*

ANDREZA ALMEIDA DOS SANTOS^a

Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação.
São Paulo – SP, Brasil

Lemos, A. (2018).
*Isso (não) é muito Black Mirror: passado,
presente e futuro das tecnologias de
comunicação e informação.*
Salvador, BA: EDUFBA. 164 p.
ISBN: 978-85-232-1860-7

RESUMO

O texto trata-se de uma resenha crítica do livro *Isso (não) é muito Black Mirror*, lançado por André Lemos, em 2018. Nele o autor discute como, apesar de tocar em temas caros à comunicação – como sociedade midiática, mídias digitais, redes sociais, as questões do corpo, da vigilância e demais tecnologias – a série apenas tangencia questões cruciais do século passado. Mesmo que sem negar a importância dos temas discutidos, o livro faz uma crítica às abordagens já ultrapassadas de *Black Mirror*, que nem de longe conseguem vislumbrar os atuais problemas e desafios da contemporaneidade. Por trás de uma perspectiva que aparentemente fala do futuro, o que se tem, na realidade, são novas tecnologias sendo apresentadas com roupagens velhas.

Palavras-chave: *Black Mirror*, novas tecnologias, sociedade midiática

ABSTRACT

This text is a critical review of the book *Isso (não) é muito Black Mirror*, released by André Lemos in 2018. The author discusses how, despite touching important themes to Communication – such as media society, digital media, social networks, issues of the body, surveillance and other technologies – the television series only touches on crucial issues of the last century. Even without denying the importance of the topics discussed, the book critiques the outdated approaches of *Black Mirror*, which are nowhere near able to glimpse the current problems and challenges of contemporary times. Behind a perspective that apparently speaks of the future, what we have, in reality, are new technologies being presented in old clothes.

Keywords: *Black Mirror*, new technologies, media society

^aDoutoranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Bolsista Capes. Pesquisadora do Centro de Estudos de Telenovela (ECA/USP) e membro do Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva (Obitel). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6628-8340>. E-mail: andrezapas@usp.br

A PROVEITAR A POPULARIDADE de um produto midiático de alcance mundial para discutir questões relativas à cultura contemporânea em seus aspectos comunicacionais, tecnológicos e culturais pode se revelar um interessante exercício de análise dos desafios da atual cultural digital; assim como um convite para irmos além do que nossos objetos parecem revelar. É justamente isso que nos entrega o livro *Isso (não) é muito Black Mirror*, lançado em 2018, por André Lemos. Ao tomar a série britânica de ficção científica *Black Mirror* como objeto de reflexão, Lemos coloca uma interessante questão: por detrás de uma abordagem aparentemente futurista – que busca lançar luz sobre temas obscuros e consequências negativas das novas tecnologias – o que, na realidade, se apresenta é uma leitura já ultrapassada e incapaz de dar conta do atual cenário desvelado pela virada digital e seus desdobramentos sociais e tecnológicos, na medida em que ainda se encontra ancorada pela crítica a uma cultura de massa e a questões relativas à sociedade tecnocientífica do século passado.

A série de ficção científica *Black Mirror*, criada por Charlie Brooker e exibida, até o lançamento do livro, em quatro temporadas¹, é um produto da televisão britânica de sucesso, que traz para o plano central o lado obscuro da sociedade moderna, particularmente no que diz respeito às consequências das tecnologias de informação para a vida em sociedade. Por seu roteiro *noir* e tom pessimista e distópico – que explora os perigos das tecnologias contemporâneas e sentimentos ambíguos em relação ao desenvolvimento científico e tecnológico –, a série tem suscitado debates que destacam seu caráter inovador.

Desconstruir a ideia de que *Black Mirror* fala de um futuro é, pois, o maior desafio do livro, cujo argumento central é de que a série apenas tangencia questões cruciais das duas primeiras décadas do século XX, falando mais do passado recente do que propriamente do futuro, e apontando com deficiências, e até certa superficialidade, para os problemas atuais. Para tanto, o livro se divide em quatro capítulos – cada qual dedicado à análise de uma temporada da série. Em linguagem ensaística e de fácil leitura, porém com carga analítica e teórica, a obra destaca temas candentes à pesquisa em comunicação no cenário digital, além de oferecer um panorama sobre os limites e as potencialidades dos temas tratados pela série. Cada episódio é analisado separadamente, porém tendo como fio condutor a investigação do modo como são abordadas as tecnologias de informação e comunicação em suas relações sociais.

Contrariando quase a totalidade de outras leituras sobre a série, o autor abre espaço para a discussão de questões que atualmente nos interpelam e lançam luz sobre a necessidade de refletirmos sobre um mundo cada vez mais atravessado pelas mídias e suas infraestruturas tecnológicas. Neste sentido, em

¹ Após o lançamento do livro, em 2018, a Netflix estreou – em junho de 2019 – a quinta temporada da série, inicialmente com apenas três episódios. A expectativa é que uma sexta temporada seja lançada em 2020 (Coral, 2019).

uma direção oposta àquela que considera ser *muito Black Mirror* tudo aquilo que nos oferece similaridades entre a vida e a série, o que o livro revela é o quanto nossa sociedade contemporânea não é muito *Black Mirror*. Afinal, os temas suscitados na série não necessariamente fazem jus aos atuais desafios enfrentados por uma sociedade marcada pelo estágio avançado de midiatização, em que os fundamentos do nosso mundo social estão profundamente relacionados com a mídia (Couldry & Hepp, 2016).

No primeiro capítulo, Lemos discute como a primeira temporada é fundamental para dar o tom pessimista da série, seguido por todas as outras. Não há final feliz em *Black Mirror*. O presságio já de cara anunciado aponta que coisas ruins estão acontecendo, e elas têm como base o uso permanente das telas. Os três episódios da temporada são marcados por dilemas de uma sociedade massiva – que vão do trabalho alienante e da divisão de classes a uma sociedade do espetáculo midiático. Mesmo ao abordar temas futuristas – como o implante de uma tecnologia mnemônica para gravar a vida das pessoas –, o debate proposto pelo episódio remete a uma ótica do passado, em que a memória visual típica do século XX persiste. O dispositivo é futurista, mas a visão do episódio sobre a memória não é capaz de ajudar a pensar o signo dos rastros digitais e da performance dos algoritmos em grandes sistemas informacionais.

Assim, ainda presa a formatos tecnomidiáticos e paradigmas ultrapassados, mesmo quando supostamente aborda questões relativas às mídias digitais e a fenômenos contemporâneos, a primeira temporada da série diz mais respeito a uma velha discussão de temas do século passado – como o voyeurismo e a espetacularização do grotesco – do que de nossas sociedades contemporâneas, muito mais matizadas, conflituosas e complexas. Apesar da aparência de novidade, a abordagem dada às tecnologias de comunicação na temporada reforça um discurso já antigo: a denúncia da sociedade de consumo, do espetáculo, bem como a centralidade das mídias de massa. Não sem motivo, o autor considera que os três primeiros episódios da série não ajudam a pensar questões emergentes, tampouco problemáticas de um futuro próximo que se depara com os desafios da cultura digital.

No segundo capítulo, Lemos reforça seu argumento de que a série mantém o tratamento antigo e a linguagem obsoleta, mesmo diante da apresentação de tecnologias novas em seus enredos. Segundo o autor, ainda com um arcabouço teórico-epistemológico crítico da sociedade do espetáculo, da cultura de massa e da banalização do político, a segunda temporada segue marcada por seu apego a questões do século passado e uma perspectiva pessimista, sem final feliz. A ênfase dada a temas como a sociedade do espetáculo, o *reality show* e a midiatização da violência seguem fazendo com que a série se fixe mais no passado.

Deste modo, permanecendo muito focada em uma crítica comum à alienação, manipulação e vigilância tecnocientífica de uma sociedade da comunicação massiva, do industrialismo e da vigilância panóptica, a temporada nada consegue vislumbrar de futuro baseado nos problemas já identificados da cibercultura contemporânea.

No terceiro capítulo, Lemos ilumina como, aos poucos, *Black Mirror* passa a flertar com uma discussão mais próxima do presente, ainda que sem acertar os principais dilemas da atualidade. Também marcada pela exploração de temas como redes sociais, manipulação de mentes, ciborgues e sistemas de reputação social, essa temporada se abre, contudo, para discussões mais afeitas à realidade atual, o que só acontece à medida que se afasta de temas caros à discussão da cultura, da sociedade, da comunicação e da tecnologia no século XX – tais como alienação, trabalho, espetáculo e vigilância panóptica. Apesar disso, o tratamento e as referências para os problemas apresentados na série fazem Lemos entender que ela permanece refém das visões de mundo e da crítica tecnológica e científica do passado, ainda que seu último episódio tenha acenado para problemas da cultura contemporânea, ao abordar questões como polarização dos debates em redes sociais; a vigilância governamental central e distribuída; a falta de segurança dos sistemas diante da possibilidade de ataque de *hackers*; a manipulação de sistemas eletrônicos; os *games* com consequências drásticas e a questão do meio ambiente na nova fase biológica do planeta – o Antropoceno.

Por fim, no quarto e último capítulo, o autor observa que a série perde novamente a oportunidade de fazer um debate atual sobre os problemas contemporâneos ou do futuro da vigilância de dados. Permanecendo no registro do passado e apenas tocando em problemas atuais – após prometer estar mais ancorada em temas da atualidade – analisar a quarta temporada permitiu ao autor concluir sua tese de que a série está longe de qualquer perspectiva futurista ou contemporânea. Ao trazer novamente os temas da memória, da vigilância e das relações sociais mediadas sem acrescentar novidade temática ou mesmo força dramática, Lemos (2018) observa a continuidade da série em sua visão negativa sobre os impactos das tecnologias de comunicação e informação na sociedade: “Com essa quarta temporada, podemos afirmar que *Black Mirror* é definitivamente uma coletânea de histórias com aparência futurista, mas com um enquadramento das críticas à sociedade tecnológica típicas do século XX” (p. 119).

Ora, isso não quer dizer que os temas abordados na série não sejam importantes e até preocupantes. O ponto central desenvolvido ao longo do livro é o de que a ênfase em uma cultura massiva e do espetáculo distanciam a série de uma perspectiva do futuro, bem como desvela a ausência de problemas que realmente remetem à cultura digital. Tendo sido lançada com três episódios

que basicamente falavam da sociedade de massa e do espetáculo, a repetição de temas e enfoques ao longo de todas as temporadas sugere que os episódios apenas atualizavam discussões. Mesmo a introdução de artefatos que ainda não existem –que deixou em alguns críticos e autores uma percepção equivocada de que a série falava de um futuro próximo – não foi capaz de atenuar os problemas e discussões de um tempo que já se foi. Esse olhar mais cauteloso do autor sobre a série o permitiu identificar em seu enredo não um retrato do presente, nem uma distopia de uma sociedade de rede futura, como preconizavam alguns, mas um retorno a tecnologias e processos do século anterior.

Em última instância, refletir sobre a série *Black Mirror* permitiu a Lemos desenvolver um pensamento crítico sobre os desafios trazidos pela cultura digital e suas reconfigurações sociais, culturais e políticas. Como mostra o autor, o século XXI e a virada digital têm imposto novas regras de sociabilidade e sensibilidade de um mundo cada vez mais interpelado pelos meios de comunicação de massa e pelas redes digitais. Nesse cenário em que, por um lado, os desafios da cultura política passam necessariamente por uma discussão mais ampla sobre as influências do meio digital – o que inclui discussões sobre filtro-bolha, mineração de dados para marketing político e pós-verdade –, também debates sobre questões éticas, institucionais e de governança, no tocante a algoritmos e coleta de dados, tornam-se necessários e fecundos².

Se, então, dados e metadados tornaram-se uma moeda regular para que nós, cidadãos comuns, possamos pagar pelos serviços de comunicação (Van Dijck, 2014), refletir sobre o papel das redes sociais, por exemplo, na formação de bolhas, na constituição de uma subjetividade fragmentada, requer um entendimento da dimensão social e política que vá além de esquemas binários, e que restringem a mídia à manipulação de humanos de corpos dóceis e mentes vazias. Justamente por isso, ao apontar para as deficiências da série em termos de discussões sobre os desafios e problemas da atual cultura digital, Lemos acena para a urgência de se refletir sobre o caráter social dessas transformações, cujas análises não podem ficar restritas a teorias e abordagens do século passado.

Mais importante, portanto, do que os sentimentos ambíguos que *Black Mirror* tem despertado em relação às consequências do desenvolvimento científico e tecnológico–decorrentes em muito da exploração de nossa dependência desses *espelhos escuros* – talvez sejam os caminhos para a superação dos limites que nos são colocados: o retorno ao humanismo, a abordagem multidisciplinar e a possibilidade de trazer as humanidades para o centro do desenvolvimento tecnológico (Harari, 2016; Hartley, 2017). Afinal, se o social é construído a partir e através de processos e infraestruturas de comunicação mediados tecnologicamente (Couldry & Hepp, 2016), compreender o modo como os meios

² Tais fenômenos mostram uma rede de ação ampla – técnica, informacional, midiática – que perpassa as questões do jornalismo, da sociabilidade, das formas de conversação social, das agências de algoritmos e até das estruturas das mídias massivas e pós-massivas (Lemos, 2018).

de comunicação se fazem presentes na vida cotidiana é um desafio urgente. Quiçá assim consigamos romper as barreiras que ainda hoje nos cerceiam e nos impedem de enxergar os dilemas e desafios da contemporaneidade. ■

REFERÊNCIAS

- Coral, G. (2019). O que esperar da 6ª temporada de *Black Mirror*. *Observatório do Cinema*. Recuperado de <https://bit.ly/2JLxijA>
- Couldry, N., & Hepp, A. (2016). *The mediated construction of reality*. Cambridge, Inglaterra: Polity Press.
- Harari, Y. N. (2016). *Homo Deus: Uma breve história do amanhã*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Hartley, S. (2017). *The fuzzy and the techie: Why the liberal arts will rule the digital world*. Boston, MA: Houghton Mifflin.
- Lemos, A. (2018). *Isso (não) é muito Black Mirror: Passado, presente e futuro das tecnologias de comunicação e informação*. Salvador, BA: Edufba.
- Van Djick, J. (2014). Datafication, dataism and dataveillance: Big Data between scientific paradigm and ideology. *Surveillance & Society*, 12(2), 197-208. doi: 10.24908/ss.v12i2.4776

Artigo recebido em 6 de abril de 2020 e aprovado em 10 de abril de 2020.